

001 informa sobre Arrais

Nosso agente especial número 001, ora deslocado para as imediações do Paralelo 8, *checou* (desculpem, mas é a expressão que ele usa desde seu estágio na Central Intelligence Agency) várias informações divulgadas no Sul a respeito do Sr. Miguel Arrais.

O estado de saúde de Arrais é bom desde que ele chegou à ilha. Aquela coisa de cegueira nervosa logo depois da prisão é totalmente falsa. O que Arrais sentia ao ser conduzido prêso da Fernando de Noronha era uma forte dor de cabeça — coisa que lhe acontece com frequência e por motivos muito menores.

Está realmente queimado de sol, pois tem aproveitado todas as oportunidades de andar ao ar livre, no pátio do alojamento onde ficou. Esse alojamento foi construído pelos americanos quando se instalaram na ilha, e é de tamanho e conforto razoáveis; até a semana passada estava em sua companhia o Sr. Seixas Dória.

Em certas horas Arrais pode passear pelo pátio, mas só pode sair para uma caminhada maior quando o oficial que o vigia se dispõe a fazê-lo em sua companhia. Isso aconteceu poucas vezes, mesmo porque desses cento e tantos dias de prisão muitos foram chuvosos. Pescaria nunca houve.

Os livros que se destinam ao prisioneiro são censurados — provavelmente para impedir que ele venha a contrair idéias malsãs. Arrais tem lido muito a *Bíblia*, e discutiu várias de suas passagens com um dos oficiais da guarnição que é bíblia, digo, protestante. O comandante, Co-

ronel Jaime Costa e Silva, que trata o prisioneiro com toda a correção, é espírita, e mais de uma vez conversou com Arrais a respeito de sua crença.

Fora da *Bíblia*, Arrais tem lido principalmente Balzac — no original, aproveitando para enriquecer seu vocabulário francês.

Do depoimento prestado por Arrais apareceram em uma revista pequenos trechos truncados e comentados tendenciosamente. Isso foi feito naturalmente de acordo com o Serviço de Inteligência (!?) do Exército, para intrigar os adversários. Arrais foi interrogado durante 12 horas e respondeu a cerca de 70 perguntas.

Até aqui as informações de nosso agente. Ah! vamos esquecendo de dizer que aquele negócio de oficial do Exército chorar durante o casamento da filha de Arrais pode dar cadeia, mas é verdade; o agente 001 declara: "só não chorou o padre". Vai ver que foi o padre que contou isso a ele; mas não sabemos.

O problema político

Miguel Arrais é hoje, para o Governo, um problema político.

O movimento vitorioso colocou-o diante de um dilema: mudar seu secretariado, nomeando pessoas indicadas pelas autoridades militares — ou renunciar. Arrais entendeu que era um Governador eleito pelo povo e não podia ser tutelado nem virar fantoche; negou-se também a renunciar. A famosa terceira ponta do dilema foi deposição e prisão.

Miguel Arrais é homem de inegável prestí-

gio; sua dignidade na hora de cair preservou esse prestígio, embora através do rádio, da televisão e da imprensa (todos sob violenta coação) os vitoriosos tudo fizessem para impopularizá-lo. Dentro do quadro de ilegalidade e arbitrariedade de sua prisão por tempo tão dilatado em Fernando de Noronha, ele tem sido tratado de maneira correta; depõe a favor de seus carcereiros haverem permitido que ele fôsse à base aérea do Recife assistir ao casamento de sua filha, como também que sua esposa o visitasse duas vezes na ilha.

Até agora o advogado de Arrais, Sr. Sobral Pinto, não requereu habeas-corpus a seu favor; espera, com certeza, o momento oportuno, isto é, aquele em que entender que há esperança de uma decisão favorável e do cumprimento dessa decisão. O caso envolve delicados problemas políticos, pois uma pequena vitória poderia ter um efeito de provocação.

O Governo sabe que não será fácil condenar Arrais, pois contra ele não existem provas. Sabe também que cada dia de Fernando de Noronha só serve para aumentar, no sentimento do povo, a simpatia pelo homem.

Soltá-lo? Esta solução justa (e a única verdadeira) encontra oposições apaixonadas; o Governo só poderia adotá-la por ato de forte autoridade, autoridade de que não dispõe, ou prefere preservar para outros casos.

Outra saída seria permitir que Arrais fôsse para o estrangeiro, mas também isso não agrada a seus adversários e talvez nem mesmo ao próprio Arrais.

Na dúvida, o homem vai ficando lá, a ler seu Balzac.

45 - 26.8.64